

Orquestra Gulbenkian

Hannu Lintu
Rihab Chaieb



07 — 09 jan 26

07 jan 26 QUARTA 20:00

08 jan 26 QUINTA 20:00

09 jan 26 SEXTA 19:00

GRANDE AUDITÓRIO

Orquestra Gulbenkian

Hannu Lintu Maestro

Rihab Chaieb Meio-Soprano*

Hector Berlioz

O Carnaval Romano, abertura op. 9

Jules Massenet

Werther: "Ces Lettres! ces lettres!"

Gioachino Rossini

Guilherme Tell: Abertura

Georges Bizet

Carmen: "Les tringles des sistres tintaient... Tra la la"

Carmen: *Habanera*

INTERVALO

Camille Saint-Saëns

Dança macabra, op. 40

Sansão e Dalila: "Amour! viens aider ma faiblesse"

Sansão e Dalila: "Mon coeur s'ouvre à ta voix"

Jacques Offenbach

Orfeu nos infernos: Abertura

La Périchole: "Ah! quel dîner je viens de faire"

* Por motivos de saúde, J'Nai Bridges é substituída por Rihab Chaieb.

DURAÇÃO TOTAL PREVISTA: c. 2h

INTERVALO DE 20 MIN.

Concerto de Ano Novo

Quando pensamos uma orquestra sinfônica moderna, é impossível contornar **Hector Berlioz** (1803-1869) e o seu *Tratado de Instrumentação* de 1843, que determinaria a música orquestral do século XIX e até aos nossos dias. É também dele que nos lembramos como epíteto do romantismo oitocentista, artista apaixonado e impetuoso, que pôs em música *Romeu e Julieta* (1839), por admirar Shakespeare e por amor à atriz que protagonizou a peça em Paris em 1827 (Harriet Smithson, com quem viria a casar). Regressado de uma estadia de quinze meses em Itália (viagem desejada e obrigatória para o vencedor do conceituado *Prix de Rome*, em 1830), Berlioz estava decidido a escrever uma ópera sobre o incrível *Benvenuto Cellini* (1500-1571), artista e escritor florentino que esteve ao serviço do Papa como flautista e ourives, que defendeu Roma e que esteve preso no Castelo de Sant'Angelo, reunindo assim todos os ingredientes que fazem um bom protagonista. A ópera foi votada ao esquecimento, mas algumas das suas secções mais vivas foram reaproveitadas por Berlioz numa abertura, extrovertida, entusiasta e brilhantemente orquestrada, intitulada *O Carnaval Romano* (1844). O título provém da cena de Carnaval do primeiro ato da ópera, e o momento protagonizado pelo corne inglês e pelo clarinete é uma reminiscência do dueto entre Benvenuto e Teresa. O frenesi da dança vai surgindo a pouco e pouco até ao delírio.

O fracasso de *Benvenuto Cellini*, mas o continuado interesse por escrever

uma ópera, levou Berlioz a trabalhar, ligeiramente contrariado, num libreto do respeitável Eugène Scribe, que viria eventualmente a abandonar. Mantinha ainda atividade enquanto crítico musical, o que lhe ocupava o tempo e lhe conferia impopularidade (graças à sua língua afiada). Mas o seu saber literário e a admiração pela *Eneida* de Virgílio, que conhecia desde a juventude e cujas impressões e emoções causadas por uma leitura com seu pai estão bem descritas nas suas *Memórias* (1854), motivou-o a pensar numa nova ópera, baseada na epopeia protagonizada pelo herói troiano. A princesa Carolyne zu Sayn-Wittgenstein, mulher culta e inteligente, amante de Liszt, foi fundamental no incentivo à composição: “a conjugação da sua paixão por Shakespeare e o seu amor pela Antiguidade deve resultar na criação de algo grande e novo. Deve escrever esta ópera, este poema lírico; chame-lhe o que quiser e planeie-a como desejar.” Berlioz assim fez e, em abril de 1858, já tinha concluído, com libreto da sua autoria, a grande ópera em cinco atos, intitulada *Os Troianos*, segundo o próprio, “o culminar da sua carreira artística”. Coros em larga escala, *ballets*, *ensembles* diversos, solos inspirados e uma abordagem única da orquestra com utilização inovadora de instrumentos, combinados com uma fluidez de tempo, lugar e estrutura e linguagem direta (à maneira de Shakespeare), resultaram numa obra monumental. Como Berlioz antecipou, Paris não a compreendeu. Por exigência do Théâtre Lyrique, estrearam primeiro os três últimos atos, com o título *Os Troianos em Cartago* (1863) e a obra só seria apresentada

na sua totalidade mais de vinte anos após a morte de Berlioz. Na ária “Nous avons vu finir sept ans à peine”, do Ato III, Troia encontra-se há sete anos cercada pelos gregos, que finalmente parecem partir, deixando o célebre cavalo de madeira, e Dido, rainha de Cartago, afirma a sua vontade de se manter fiel à memória do seu falecido marido. “Ah! Je vais mourir!... Adieu, fière cité” é a emotiva despedida de Dido, que passa por melancolia, desânimo, desespero e conclui irada, após o abandono de Eneias, chamado a fundar uma nova Troia em Itália.

A última ópera escrita por **Gioachino Rossini** (1792-1868), compositor que trouxe uma lufada de ar fresco ao estilo operático italiano de início de século, é francesa, e estreou em Paris em 1829. O libreto, redigido a partir da peça homónima de Friedrich Schiller (1759-1805), o grande poeta germânico autor da *Ode à Alegria*, centra-se na história do lendário herói suíço do século XIV, Wilhelm Tell. A personagem, que terá ou não existido, foi associada à guerra de libertação nacional da Suíça contra o domínio do império Habsburgo. Dada a glorificação desta figura revolucionária e independentista, a ópera sofreu grande escrutínio da censura quando estreou em Itália. A sua longa duração e a exigência do papel de tenor, tornaram-na difícil de produzir, mas a sua enérgica Abertura, verdadeiro poema sinfónico recheado de retratos de situações, revelou-se uma *pièce de résistance* de concerto. Após um prelúdio lento, seguido de uma tempestade, vem a célebre *Ranz des Vaches*, canto popular

suíço, onde o corne inglês e a flauta remetem para sonoridades pastoris, símbolo e evocação do património helvético. A cavalgada final, com trompas e trompetes, que opõe os soldados suíços às tropas austríacas (na imaginação de Rossini), é sobejamente conhecida.

Georges Bizet (1838-1875) não viveu para assistir à sua estimada ópera, *Carmen* (1875), tornar-se numa das mais amadas pelo público. Com libreto de Meilhac e Halévy, sobre um conto de Mérimée, tem como protagonista uma mulher cigana e operária que ama e vive como quer, o que chocou as audiências francesas. *A Habanera*, ária mais conhecida, de linha vocal sensual e cromática sobre um obstinado rítmico lembrando o tango, baseia-se numa canção originária de Cuba, que se disseminou pelas colónias espanholas no século XIX. *Carmen* exhibe-se como uma mulher independente que dança e vive livremente, podendo homem algum reprimir ou controlar o seu desejo. “Les tringles des sistres tintaient... Tra la la” trata também de sedução, mas em ambiente de festa. A cada verso aumenta a excitação: a música torna-se mais rápida e mais sonora, a textura mais rica e a orquestração mais densa.

Uma nota repetida doze vezes, acompanhada por um acorde maior nas cordas, é subitamente seguida de um trítone (*diabolus in musica*) pelo violino solista. São as badaladas da meia-noite, é a Morte a chamar os mortos a dançar. Em 1872, **Camille Saint-Saëns** (1835-1921), músico multifacetado, visto por muitos como conservador, escrevia uma canção para canto e piano com texto em francês

do poeta Henri Cazals. O texto dizia: “Zig et zig et zig, la mort en cadence/ Frappant une tombe avec son talon/ La mort à minuit joue une air de danse/ Zig et zig et zag, sur son violon”, e Saint-Saëns fez questão de o assinalar no manuscrito do seu poema sinfônico *Danse macabre*, estreado três anos depois. Escrita para violino solo (com sonoridade imitando o *fiddle*, instrumento popular) e orquestra, procura retratar a lenda que diz que a Morte aparece em cada Noite das Bruxas, e bate nas campas, chamando os defuntos. Ouve-se por isso uma citação do *Dies Irae* nas madeiras, o xilofone a simular os esqueletos a dançar, e o canto do galo pelo oboé, que dita bruscamente o regresso aos túmulos. As audiências da época queixaram-se que a obra provocava ansiedade, as atuais apreciam.

Em meados do século XIX assistia-se a um reavivar do interesse na música coral antiga e Camille Saint-Saëns, admirador das oratórias de Händel, propôs-se escrever uma obra sobre a história bíblica de Sansão e Dalila, conforme sugerida por Voltaire para Rameau (e nunca estreada). Händel já havia escrito uma oratória sobre este tema, mas a narrativa assenta numa mulher manipuladora, vingativa, e sobretudo sedutora, que consegue persuadir e ludibriar um homem importante, admiravelmente forte (com poderes divinos, manifestados no comprimento do cabelo), mas de coração vulnerável. Ora, este enredo, conforme o libretista Ferdinand Lamare explicou a Saint-Saëns, seria mais próprio para uma ópera, e assim foi. Perante autoridades francesas reticentes em aceitá-la (uma história bíblica encenada e representada),

a estreia não seria em Paris, mas em Weimar, graças à influência de Liszt, entusiasta do compositor francês. A ária de Dalila, “Mon coeur s’ouvre à ta voix” (“O meu coração abre-se à tua voz”) surge como resposta à declaração de amor de Sansão, e a sua melodia sensual e orquestração luxuriante tornaram-na numa peça de repertório essencial para meio-soprano. Em “Amour! viens aider ma faiblesse” (“Amor, vem ajudar a minha fraqueza”), a filisteia revela a sua intenção de vingança, afirmando que toda a força de Sansão é insignificante perante a investida do amor.

Jacques Offenbach (1819-1880), compositor alemão naturalizado francês, era considerado, em meados do século XIX, “o Mozart dos *boulevards*”, assim apelidado por Rossini graças a uma veia melódica fácil, um estilo límpido, uma capacidade ímpar de adaptar a música ao contexto. Em 1855 fundava o seu próprio teatro, Théâtre des Bouffes-Parisiens, para apresentar as suas obras, maioritariamente *opéra buffon*, depois opereta. Uma das suas composições mais famosas é uma sátira do mito antigo de Orfeu e Eurídice, onde o semideus é um modesto professor de violino que deve (pressionado pela opinião pública) salvar a sua noiva. Alguns críticos insurgiram-se contra o desprezo pela mitologia grega, outros perceberam e louvaram a audácia, reconhecendo uma crítica à corte e ao governo de Napoleão III. Pensada como uma espécie de *opéra-ballet*, com uma forte componente de dança, *Orfeu nos infernos* (1858, versão em dois atos) facilmente se tornou um sucesso. A Abertura, festiva, antecipa os principais

temas, nomeadamente o “galope infernal” da última cena da opereta. Adotada pelos grandes cabarés de Paris, como o Moulin Rouge ou o Folies Bergères, para acompanhar a dança da moda, o canção, está desde então a ela associada. A prolífica dupla de dramaturgos Meilhac e Halévy (que escreveu o libreto de *Carmen* de Bizet) foi responsável por alguns dos maiores sucessos de Offenbach. *La Périhole* (1868) livremente baseada na peça de Mérimée (também autor do conto no qual Carmen se baseia) tem como personagem principal uma cópia da artista

peruana Micaela Villegas, do século XVIII, conhecida como *La Perricholi*. Esta ópera, que embora cómica (*bouffe*), tem uma componente mais sentimental, e também de crítica social, com personagens pobres, esfomeadas, desprezadas e exploradas por um tirano, incomodou algum público. Na ária “Ah quel diner“, em tempo de valsa, a protagonista, após ter jantado como nunca, está “um pouco embriagada” (“un peu grise”), mas não perde a compostura.

NOTAS DE SUSANA DUARTE

Hannu Lintu

O finlandês Hannu Lintu é o atual Maestro Titular da Orquestra Gulbenkian. Em paralelo, prossegue o seu trajeto como Maestro Principal da Ópera e Ballet Nacionais da Finlândia e inicia os seus mandatos como Parceiro Artístico da Sinfônica de Lahti e Diretor Artístico do Festival Internacional Sibelius. Na temporada passada, Lintu foi nomeado Diretor Musical da Orquestra Sinfônica de Singapura, com início em 2026/27. Nos últimos anos, dirigiu a Sinfônica de Chicago, a Filarmônica de Nova Iorque, a Filarmônica de Berlim, a Orquestra de Cleveland, a Sinfônica da Rádio da Baviera, a Orquestra Nacional da Radio France, a Sinfônica de Boston, a Sinfônica da Rádio Sueca, a Deutsches Symphonie-Orchester Berlin, a Filarmônica de Londres, a Sinfônica de Atlanta, a Orquestra do Konzerthaus de Berlim e a Sinfônica de Montreal, entre outras orquestras.

Para além das grandes obras sinfônicas, dirige regularmente repertório de ópera. Neste domínio, os destaques recentes incluem *Oedipe* de Enesco, com a Sinfônica de Viena, no Festival de Bregenz, *O Navio Fantasma* de Wagner, na Ópera de Paris, e *Pelléas et Mélisande* de Debussy, na Ópera Estadual da Baviera, bem como várias produções para a Ópera e Ballet Nacionais da Finlândia, incluindo o ciclo *O Anel do Nibelungo* de Wagner, *Dialogues des Carmélites* de Poulenc, *Don Giovanni* de Mozart, *Turandot* de Puccini, *Salome* de R. Strauss, *Billy Budd* de Britten, e uma versão coreografada da *Messa da Requiem* de Verdi.

Hannu Lintu estudou violoncelo e piano na Academia Sibelius, em Helsínquia, instituição onde mais tarde se formou em direção de orquestra com Jorma Panula. Estudou também com Myung-Whun Chung na Accademia Musicale Chigiana, em Siena. Em 1994 venceu o Concurso Nórdico de Direção de Orquestra, em Bergen.

Rihab Chaieb

A tunisina-canadiana Rihab Chaieb tem vindo a conquistar a atenção internacional com a sua versatilidade vocal, bem como a cativante presença em palco. Na temporada 2025/26 estreia-se no Gran Teatre del Liceu de Barcelona, no papel de Nefertiti, em *Akhnaten* de P. Glass, na Ópera de Montreal, no papel principal de *Carmen*, e no Teatro Cervantes de Málaga, como Charlotte, em *Werther* de Massenet. Regressa à Ópera Estadual da Baviera para interpretar Maddalena, numa nova produção de *Rigoletto* de Verdi, e à Ópera de Atlanta, como Cherubino, em *As bodas de Figaro* de Mozart. Em concerto, colabora na interpretação da Sinfonia n.º 2 de Mahler, com a Sinfônica de Atlanta e a maestra Nathalie Stutzmann, da Sinfonia n.º 3 de Mahler, com a Sinfônica de Vancouver e Otto Tausk, *L'Enfant et les Sortilèges* de Ravel, com a Sinfônica de Barcelona e Ludovic Morlot, e apresenta-se em recital no festival Life Victoria Barcelona, com Brian Zeger. Destaques recentes no domínio da ópera incluem: o papel principal numa nova produção de *Carmen*, para o Festival de Glyndebourne e para os *BBC Proms*; a sua estreia na Ópera de Zurique, no papel de Charlotte, em *Werther* de Massenet; Fenena, em *Nabucco* de Verdi, na Ópera Estadual da Baviera, sob a direção de Daniele Rustioni, e na Deutsche Oper Berlin; estreias na Ópera de Los Angeles, como Cherubino, em *As bodas de Figaro*, sob a direção de James Conlon, e na Washington National Opera e Seiji Ozawa Music Academy, como Dorabella, em *Così fan tutte*; e ainda Nefertiti, em *Akhnaten*, para a Metropolitan Opera. Rihab Chaieb participa no álbum “The Great Puccini”, de Jonathan Tetelman, para a Deutsche Grammophon, e gravou a Missa em Si menor de J. S. Bach e a Sinfonia n.º 9 de Beethoven com a Orchestre Métropolitain, sob a direção musical de Yannick Nézet-Séguin. Enquanto membro do Programa Lindemann para Jovens Artistas da Metropolitan Opera, Rihab Chaieb participou em inúmeras produções, incluindo *Italiana in Algeri* (Zulma), *Luisa Miller* (Laura), *Cavalleria Rusticana* (Lola) e *Hänsel und Gretel* (Sandmännchen). Como artista convidada, regressou ao Met para interpretar Zerlina, em *Don Giovanni*, sob a direção de Cornelius Meister.

Orquestra Gulbenkian

Em 1962 a Fundação Calouste Gulbenkian decidiu estabelecer um agrupamento orquestral permanente. No início constituído apenas por doze elementos, foi originalmente designado por Orquestra de Câmara Gulbenkian. Ao longo de mais de sessenta anos de atividade, a Orquestra Gulbenkian (denominação adotada desde 1971) foi sendo progressivamente alargada, contando hoje com um efetivo de cerca de sessenta instrumentistas, que pode ser expandido de acordo com as exigências de cada programa. Esta constituição permite à Orquestra Gulbenkian interpretar um amplo repertório, do Barroco até à música contemporânea. Obras pertencentes ao repertório corrente das grandes formações sinfónicas podem também ser interpretadas pela Orquestra Gulbenkian em versões mais próximas dos efetivos orquestrais para que foram originalmente concebidas, no que respeita ao equilíbrio da respetiva arquitetura sonora. Em cada temporada, a Orquestra Gulbenkian realiza uma série regular de concertos no Grande Auditório, em Lisboa, em cujo âmbito colabora com os maiores nomes do mundo da música, nomeadamente maestros e solistas. Atua também com regularidade noutros palcos nacionais, cumprindo desta forma uma significativa função descentralizadora. No plano internacional, a Orquestra Gulbenkian foi ampliando gradualmente a sua atividade, tendo efetuado digressões na Europa, na Ásia, em África e nas Américas. No plano discográfico, o nome da Orquestra Gulbenkian encontra-se associado às editoras Philips, Deutsche Grammophon, Hyperion, Teldec, Erato, Adès, Nimbus, Lyrinx, Naïve e Pentatone, entre outras, tendo esta sua atividade sido distinguida, desde muito cedo, com diversos prémios internacionais de grande prestígio. O finlandês Hannu Lintu é o Maestro Titular da Orquestra Gulbenkian.

PRIMEIROS VIOLINOS

Christina Astrand CONCERTINO*
Francisco Lima Santos 1.º CONCERTINO AUXILIAR
Maria Balbi 1.º SOLISTA
Pedro Pacheco
Alla Javoronkova
Ana Beatriz Manzanilla
Elena Ryabova
Maria José Laginha
Otto da Casa de Pereira
Catarina Ferreira
Catarina Resende
Margarida Queirós
Félix Duarte
César Nogueira*
Juan Maggiorani*
Francisco Ferreira*

SEGUNDOS VIOLINOS

Anna Paliwoda 1.º SOLISTA
Zachary Spontak 1.º SOLISTA
Piotr Rachwał 2.º SOLISTA
Jorge Teixeira
Tera Shimizu
Stefan Schreiber
Ana Isabel Malheiro
Gonçalo Melo
Bernardo Barreira
Ricardo Vieira
Inês Sofia Marques*
Sara Llano*

VIOLAS

Samuel Barsegian 1.º SOLISTA
Lu Zheng 1.º SOLISTA
João Tiago Dinis 2.º SOLISTA
Nuno Soares
Sara Moreira
Artemis Balkiz
Joana Silva
Micaela Miranda
Íris Almeida*
João Barata*

Orquestra Gulbenkian

VIOLONCELOS

Martin Henneken 1º SOLISTA

Marco Pereira 1º SOLISTA*

Jeremy Lake 2º SOLISTA

Raquel Reis

Leonor Moniz

Ángela Escauriaza*

Aléssio Cunha*

Emilija Rozensteina*

CONTRABAIXOS

Pedro Vares de Azevedo 1º SOLISTA

Domingos Ribeiro 1º SOLISTA

Manuel Rêgo 2º SOLISTA

Marine Triolet

Luís Ferreira

Vitor Silva*

FLAUTAS

Cristina Ánchel 1º SOLISTA

Sónia Pais 1º SOLISTA

Amalia Tortajada 2º SOLISTA

Natália Monteiro 2º SOLISTA*

OBOÉS

Pedro Ribeiro 1º SOLISTA

Nelson Alves 1º SOLISTA

Alice Caplow-Sparks 2º SOLISTA

CORNE INGLÊS

CLARINETES

Iva Barbosa 1º SOLISTA

Telmo Costa 1º SOLISTA

José María Mosqueda 2º SOLISTA

CLARINETE BAIXO

FAGOTES

Ricardo Ramos 1º SOLISTA

Vera Dias 1º SOLISTA

Raquel Saraiva 2º SOLISTA

CONTRAFAGOTE

Joana Maia 2º SOLISTA*

TROMPAS

Duarte Moreira 1º SOLISTA

Telmo Rocha 1º SOLISTA

Pedro Fernandes 2º SOLISTA

Antonia Chandler 2º SOLISTA

Nuno Nogueira 1º SOLISTA*

TROMPETES

Carlos Leite 1º SOLISTA

José Pedro Pereira 2º SOLISTA

Jorge Almeida 1º SOLISTA*

Jorge Pereira 2º SOLISTA*

Ricardo Vitorino 2º SOLISTA*

TROMBONES

Sergi Miñana 1º SOLISTA

Rui Fernandes 2º SOLISTA

Thierry Redondo 2º SOLISTA

TROMBONE BAIXO

TUBAS

Amílcar Gameiro 1º SOLISTA

Elmano Pereira 1º SOLISTA

TIMBALES

Rui Sul Gomes 1º SOLISTA

PERCUSSÃO

Abel Cardoso 2º SOLISTA

Tomás Rosa 2º SOLISTA*

José Afonso Sousa 2º SOLISTA*

João Ramalho 2º SOLISTA*

HARPA

Ana Ester Santos 1º SOLISTA*

* Instrumentista convidado

—

COORDENAÇÃO

António Lopes Gonçalves

PRODUÇÃO

Américo Martins

Marta Ferreira de Andrade

Pedro Canhoto

Fábio Cachão

Inês Nunes

Orquestra Gulbenkian

VIOLONCELOS

Martin Henneken 1º SOLISTA

Marco Pereira 1º SOLISTA*

Jeremy Lake 2º SOLISTA

Raquel Reis

Leonor Moniz

Ángela Escauriaza*

Aléssio Cunha*

Emilija Rozensteina*

CONTRABAIXOS

Pedro Vares de Azevedo 1º SOLISTA

Domingos Ribeiro 1º SOLISTA

Manuel Rêgo 2º SOLISTA

Marine Triolet

Luís Ferreira

Vitor Silva*

FLAUTAS

Cristina Ánchel 1º SOLISTA

Sónia Pais 1º SOLISTA

Amalia Tortajada 2º SOLISTA

Natália Monteiro 2º SOLISTA*

OBOÉS

Pedro Ribeiro 1º SOLISTA

Nelson Alves 1º SOLISTA

Alice Caplow-Sparks 2º SOLISTA

CORNE INGLÊS

CLARINETES

Iva Barbosa 1º SOLISTA

Telmo Costa 1º SOLISTA

José María Mosqueda 2º SOLISTA

CLARINETE BAIXO

FAGOTES

Ricardo Ramos 1º SOLISTA

Vera Dias 1º SOLISTA

Raquel Saraiva 2º SOLISTA

CONTRAFAGOTE

Joana Maia 2º SOLISTA*

TROMPAS

Duarte Moreira 1º SOLISTA

Telmo Rocha 1º SOLISTA

Pedro Fernandes 2º SOLISTA

Antonia Chandler 2º SOLISTA

Nuno Nogueira 1º SOLISTA*

TROMPETES

Carlos Leite 1º SOLISTA

José Pedro Pereira 2º SOLISTA

Jorge Almeida 1º SOLISTA*

Jorge Pereira 2º SOLISTA*

Ricardo Vitorino 2º SOLISTA*

TROMBONES

Sergi Miñana 1º SOLISTA

Rui Fernandes 2º SOLISTA

Thierry Redondo 2º SOLISTA

TROMBONE BAIXO

TUBAS

Amílcar Gameiro 1º SOLISTA

Elmano Pereira 1º SOLISTA

TIMBALES

Rui Sul Gomes 1º SOLISTA

PERCUSSÃO

Abel Cardoso 2º SOLISTA

Tomás Rosa 2º SOLISTA*

José Afonso Sousa 2º SOLISTA*

João Ramalho 2º SOLISTA*

HARPA

Ana Ester Santos 1º SOLISTA*

* Instrumentista convidado

—

COORDENAÇÃO

António Lopes Gonçalves

PRODUÇÃO

Américo Martins

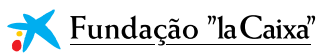
Marta Ferreira de Andrade

Pedro Canhoto

Fábio Cachão

Inês Nunes

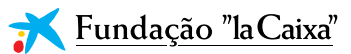
A cultura mostra-nos o mundo. Fala-nos de nós próprios. Do que fomos e do que seremos. E ensina-nos a ser melhores. Como pessoas e como sociedade. É por isso que no BPI e na Fundação "la Caixa" estamos comprometidos a aproximá-la de todas as pessoas. Onde quer que estejam. Isto é acreditar na cultura. **Isto é crescer com a cultura.**



Apoiamos *a cultura* para *melhorar* *a sociedade*



MECENAS
GULBENKIAN MÚSICA



MECENAS
ESTÁGIO GULBENKIAN PARA ORQUESTRA



MECENAS
MÚSICAS DO MUNDO



MECENAS
CONCERTOS PARA PIANO E ORQUESTRA



MECENAS
CICLO DE PIANO



De acordo com o compromisso da Fundação Calouste Gulbenkian com a sustentabilidade, este programa foi impresso em papel produzido a partir de florestas plantadas com gestão sustentável.

